

ALGUMA APRENDIZAGEM DE (COM) CLARICE

Rodrigo da Costa Araújo¹

Resenha recebida e aprovada em abril de 2015

¹ Professor de Literatura Infantojuvenil e Teoria da Literatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé, Mestre em Ciência da Arte [2008 - UFF] e Doutorando em Literatura Comparada [UFF]. Ex-coordenador pedagógico do curso de Letras da Fafima, pesquisador do Grupo Estéticas de Fim de Século, da Linha de Pesquisa em Estudos Semiológicos: Leitura, Texto e Transdisciplinaridade da UFRJ/ CNPq e do Grupo Literatura e outras artes, da UFF. Coautor das coletâneas *Literatura e Interfaces* e *Leituras em Educação*, da Editora Opção (2011).
E-mail: rodricoara@uol.com.br

Para Caroline Delgado, leitora clariceana

Com Clarice (2013), de Affonso Romano de Sant'Anna e Marina Colasanti, organiza-se segundo três eixos de temáticas interligadas, seguidos de um anexo: um - corresponde à primeira parte - mais afetivo e geral, dedicado a lembrar, percorrer o relacionamento dos autores com a escritora, exposto a nós em suas diversas facetas e experiências literárias, nascidas da amizade, do carinho, do encontro.

Cada uma das partes desses eixos é dividida em dois capítulos, uma para Marina e outra para Affonso, que ao final se imbricam na entrevista da escritora ao casal para registro do Museu da Imagem e do Som (MIS), em 1976, um ano antes de sua morte. A obra, como um todo, percorre vários gêneros - o ensaio, a pesquisa biográfica, a ficção (conto e crônica) e a entrevista - sem perder, contudo, a chave da delicadeza que o livro guarda: a amizade e a aprendizagem de (com) Clarice Lispector (1920-1977).

As proposições interpretativas aí apresentadas, quanto à experiência dessa amizade, têm por base revelar, delicadamente, alguns retratos de uma mulher, à primeira vista, indecifrável, enigmática, e que, também, fez dessas características pessoais, os princípios de sua literatura/arte e vida. Desses encontros e aprendizado *Com Clarice*, nesse primeiro momento, os escritores, amigos dela, não buscam decifrar mistérios, mas oferecer informações do enorme quebra-cabeça que era Clarice.

A obra e suas revelações atuam como mais um guia, ciceroneando a escrita de Clarice, permitindo extrair, pelas situações e questões narradas, algumas categorias básicas ao entendimento da ficção clariceana e seus meandros, possibilidade de sentidos: como emaranhado, força, cruzamentos de valores e intertextos.

Dos olhares plurais de Marina e Affonso, os leitores e estudiosos da poética da escritora colhem a diversidade de ângulos, porque as informações novas irão somar-se na multiplicidade de imagens, do caleidoscópio tridimensional e colorido em que Clarice é ponto de luz em torno do qual vibram, pelos infinitos fragmentos de vidro, suas cores e formas. Afinal, buscando esse brilho, confirma-se, da própria escritora, quando ela mesma afirma: “Mas sou caleidoscópica: fascinam-me as minhas mutações faiscantes que aqui caleidoscopicamente registro” (LISPECTOR, 1980, p. 29).

A segunda parte, com a rubrica De Marina para Clarice, a escritora e uma das autoras da obra, em vez de buscar explicações dessa amizade, escolhe a via da ficção para retratar a amiga em um conto intitulado *Por a pena* - crônica lírica e evocativa que vai revelando traços singelos da escrita de Clarice em situações corriqueiras. Na crônica *Clarice perto do coração*, Marina fala, de forma delicada, das despedidas de Clarice e da força representativa das suas pinturas e do corpo, na vida/escrita da escritora:

“Servia-lhe, porém, a fragilidade do corpo. Angaria amparo para a fragilidade maior, aquela que não tinha mais nada a escrever, e que fazia a suspirar à noite porque não conseguia livrar-se da condenação da escrita” (p.52).

De qualquer forma, Clarice não se deixa revelar facilmente, pelo menos, não num primeiro lance dos olhos, o que torna as fronteiras entre a dimensão biográfica e autobiográfica muito tênues, porque não fala sozinha de si, apenas quando contracena com os seus personagens errantes. O traçado dos biografemas mistura-se com o cenário de sua escrita, no qual os seres se confrontam desamparados diante da tragicidade cotidiana. Neles fica sempre a sensação (ou certo sentimento angustiante) de que os fios da vida escorrem por entre as linhas dos textos, levando Clarice.

De Affonso para Clarice é a rubrica referente à terceira parte do livro, a mais extensa da obra. Nela, a linguagem é acadêmica e guarda suas marcas linguísticas para compor os três ensaios sobre a obra da escritora de Água Viva. O primeiro deles - Clarice Lispector: linguagem -, de 1962, o ensaísta faz uma leitura do romance *A Maçã no Escuro* a partir de questões que envolvem a linguagem e a vanguarda literária. O segundo ensaio - as leituras de *Laços de Família* e *A Legião Estrangeira* -, livros de contos da escritora, pertence ao clássico estudo *Análise estrutural dos romances brasileiros*. A leitura analisa uma estrutura que atravessa as obras e, nesse contexto, a questão da epifania no processo ficcional.

O terceiro ensaio - O ritual epifânico do texto - conjuga esse mesmo olhar, aprofundando a epifania como elemento fundamental da narrativa clariceana e outros recortes como o uso estilístico dos oxímoros, a errância, a deseroização dos personagens, do neutro e do rito de passagem. As *Crônicas*, - seis no total -, desse terceiro capítulo, ainda, por sua vez, tratam do processo e da perplexidade da criação da escritora, da solidão, do cotidiano e situações insólitas quando recebe um cacho de cabelos da escritora para a guarda da Biblioteca Nacional, e aspectos da recepção das narrativas de Clarice.

O apêndice - Entrevistas de Clarice Lispector - traz a transcrição da entrevista, de quase cinquenta páginas, com a escritora e que, de certa forma, amarra os testemunhos e devolve a voz a Clarice, motivo essencial da existência dessa obra. Desse motivo e gênero oral, colhem-se o acolhimento, o encontro, a conversa, a troca de experiências e, acima de tudo, a amizade com os entrevistadores.

A entrevista, dentre os vários assuntos que aborda, fala das amizades literárias da escritora, leituras, citações, das traduções, dos contos e alguns aspectos da sua obra poética, dos encantos da criação, e outros assuntos paralelos que retomam o passado, do congresso de bruxaria, da crítica, da vida e de literatura. Nesse universo de sua criação, Clarice fala, ainda, do livro que estava escrevendo - *A Hora da Estrela* -, de bichos que sempre surgem em seu universo literário e de suas leituras.

No conjunto, são-nos entregues críticas minuciosas, delicadíssimas, da produção literária da escritora, de fases de sua escritura, ou mesmo de recortes ou outras artes que atravessam sua literatura e vida. Em todas, sendo revelado, algum retrato perdido ou percebido pela crítica literária, por uma escrita a duas mãos, e que acompanha e reflete o mundo caleidoscópico da escritora, o poder singelo da amizade, suas manifestações e gesto de carinho, seus aspectos e força geradora.

A capa, signo narcísico por excelência, é um paratexto que retoma as discussões da obra, na busca de algum retrato ou retratos, leituras irônicas, honestas, informativas e obtusas, fragmentos do real e do mundo ficcional, retratos para serem apreciados ou devorados feito a escritura da biografada. Assim, diante dessas confissões escorpiônicas ou de fragmentos que implicam colher recortes, epifanias instantâneas, extremos da vida, o leitor ou crítico deve ensaiar a trajetória do impasse, perceber, analiticamente, a fragmentação e multiplicidade de voltas, interpretar o traçado geral que as rege, confirmando aqui e ali, o que Barthes nomeou de biografema.

Neste livro, a vida de Clarice (*Com Clarice*) é construída (lida, pensada) a partir de um olhar ao que foi escrito em fragmentos, no significativo, que fixado aos órgãos, fala pelo corpo, e constroem múltiplas significações ou poligrafias. Não há lugar, portanto, para a rígida divisão entre a obra e a vida, entre o escrito e o vivido, não se trata de revelações, descobertas, decifrações, mas sim, de construção.

Com Clarice situa-se, definitivamente, nesse roçar de invenção e ensinamento. Clarice torna-se, assim, com Affonso e Marina, compreensível, e suas obras captáveis segundo uma harmonia subjacente às disritmias da superfície. Ambos percorrem sua obra estabelecendo diálogos com seus mecanismos temáticos e formais, dando à rede a direção de seus fios, mapeando e roteirizando os pontos que indicam a força de um projeto em sua globalidade. Dialógica e pontual, a escrita e as leituras de Affonso e Marina, recorrendo a múltiplos arquivos, ofertam-nos delicadas pistas, como se - também se utilizando da astúcia e da fineza da escritora - estivessem a nosso lado a transmitirem as técnicas e as sutilezas da investigação crítica.

Referências

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1980.
SANT'ANNA, Affonso Romano; COLASANTI, Marina. **Com Clarice**. São Paulo. Editora UNESP. 2013. 250 p.